Posse de Artur José Vieira Bruno

Como disse Sêneca, "um homem grato não é coisa de pouca monta. Habitualmente, a nada se dá mais valor do que benefício enquanto o solicitamos, mas a nada se dá menos valor depois de obtê-lo". Tento cultivar esse ensinamento do grande filósofo estoico e inicio meu pronunciamento com alguns agradecimentos.

A Juarez Leitão, companheiro de magistério e militância política, um dos mais brilhantes oradores da terra alencarina, poeta criativo, historiador perspicaz e organizador da mais prestigiada tertúlia literária da cidade, a "Café com Tapioca". Conheci Juarez quando, ainda muito jovem professor, coordenava um pré-vestibular de um famoso colégio e assistia, pela janela, às suas esplêndidas aulas de História. Ficava extasiado com a sua capacidade de atrair integralmente a atenção dos alunos durante toda a aula. Depois, tornei-me seu apoiador em campanhas eleitorais e discípulo na nobre arte do magistério. Portanto, atribuo suas palavras generosas à nossa amizade de quatro décadas.

A Osmar Diógenes, intelectual e político de escol, que conheci na atividade política na Assembleia Legislativa cearense. Os parlamentares estaduais são extremamente gratos a este líder do vale do Jaguaribe pela criação e gestão do Memorial do Legislativo. Milhares de estudantes e visitantes da Casa conhecem a história política do Ceará através de um belo equipamento de memória e educação política.

A Ednilo Soárez, meu aluno no curso de História dos Países, que ministro no Centro Universitário 7 de setembro, o qual foi brilhantemente dirigido por ele durante décadas. Aprendi, com seu pai, o grande mestre Edílson Brasil Soares, meu diretor no Colégio 7 de setembro, a ler diariamente a famosa frase de Monteiro Lobato, "um país se faz com homens e livros". Ela estava fixada em uma das salas daquela notável escola. Lá, li ávidamente os capítulos do livro "Cazuza", do Viriato Correia. Não apenas

porque apreciava a leitura, mas para escapar de uma nota desastrosa no teste de ditado aplicado pelo próprio diretor. Ele conhecia todos os alunos e ainda os nomes do pai e da mãe. Lia os boletins de cada um, enviando as observações necessárias à aprendizagem.

Após três décadas, retorno ao 7 de Setembro para lecionar História e Atualidades no seu Centro Universitário. A escola deu-me os apetrechos necessários para ingressar no Colégio Militar de Fortaleza, onde cursei a segunda fase do ensino fundamental e o médio. Filho de militar – tenente Bruno, aqui presente – admirador dos desfiles cívicos e praticante de esportes, o CMF era, para mim, uma grande aspiração. Fiquei feliz ao ler o discurso de posse do confrade Luciano Pinheiro Klein Filho, que destacou a relação de ex-alunos, professores, militares e comandantes da Casa de Eudoro Corrêa, que compuseram e compõem o nosso Instituto: Carlos Studart Filho, Antônio Martinz de Aguiar, Joaquim Alves de Oliveira, Waldemar Cromwel do Rego Falcão, Djacir de Lima Menezes, José Valdo Ribeiro Ramos, José Parsifal Barroso, Misael Gomes da Silva, José Denizard Macêdo de Alcântara – meu ex-professor de Geografia –, José Teixeira de Freitas, José Aurélio Saraiva Câmara, Oswaldo de Oliveira Riedel, Raimundo Teles Pinheiro, Virgílio de Moares Fernandes Távora, Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira, Oswaldo Evandro Carneiro Martins e nossos atuais consórcios Affonso Taboza Pereira, Luciano Pinheiro Klein Filho – atualmente professor do velho Casarão do Outeiro, que celebrará 100 anos em 2019.

Sou grato a José Augusto Bezerra, um dos nossos mais destacados intelectuais, que me apresentou o Instituto Histórico e estimulou-me a participar deste relevante sodalício. Destaco os membros da Comissão de Verificação de Merecimento e todos os confrades que sufragaram meu nome.

Ressalto o prazer de conviver novamente com ilustres lideranças políticas pelos quais – mesmo filiados a agremiações diferentes – sempre nutri admiração e respeito. Refiro-me a Juarez Leitão, Osmar Diógenes, Cid Carvalho, Lúcio Alcântara, Mauro Benevides, Ubiratan Aguiar – colegas de poder legislativo – e Fernando Ximenes – do Executivo. Enalteço um associado amigo, companheiro no secretariado do atual governo estadual, Cláudio Ferreira Lima, pilar de saber e extensa contribuição ao Estado, que nos deixou recentemente.

Como professor, escritor e parlamentar sempre acompanhei, li e aprendi bastante com os associados do Instituto. Ao escrever o livro

"Fortaleza, uma breve história", em parceria com o amigo Aírton de Farias, pesquisei em obras e artigos de muitos intelectuais aqui presentes. Esta Casa reúne os autores mais destacados na Geografia, História e Antropologia do nosso Ceará. É uma grande honra para qualquer estudioso destas disciplinas compor tão seleto silogeu. Devo confessar que, antes do convite de amigos aqui presentes, jamais imaginei integrar este palácio de conhecimento. Estava já satisfeito com a aprendizagem e a convivência com pessoas tão especiais. No entanto, fui convencido que também poderia dar alguma contribuição. Espero ser útil a esta instituição e à produção cultural cearense.

Há exatamente quarenta anos fiz uma opção radical pelo magistério. Ainda cursando o primeiro ano na nossa Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, tornei-me professor de Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira (OSPB). Estudei os ensinamentos do professor José Cláudio de Oliveira, membro ilustre desta Casa. Vivíamos em pleno regime militar e harmonizava o magistério com a militância estudantil. Logo desisti da carreira diplomática pela formação dos jovens adolescentes sequiosos de conhecimentos e cidadania. Tornei-me um discípulo de Paulo Freire, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro que vaticinou, décadas atrás, que "ultimamente a coisa se tornou mais complexa porque as instituições tradicionais estão perdendo todo o seu poder de controle e de doutrina. A escola não ensina, a igreja não catequiza, os partidos não politizam. O que opera é um monstruoso sistema de comunicação de massa, impondo padrões de consumo inatingíveis e desejos inalcançáveis, aprofundando mais a marginalidade dessas populações".

A partir destas disciplinas, busquei mais conhecimento na História e Geografia, duas antigas paixões. Aprendi com George Orwell que a História é escrita pelos vencedores. Por isso, sempre tive curiosidade de buscar as versões dos vencidos e excluídos. Compreendi que o conhecimento geográfico é fundamental para perscrutarmos os fatos históricos. É necessário entender o meio físico, a biodiversidade, os princípios de conexão, causalidade, extensão, analogia e atividade. Creio, tal qual o escritor Agostinho da Silva, que o bom historiador escreve sobre o passado, criticando o presente e projetando o futuro. Como intelectuais, temos que ter compromisso com o que virá, sobretudo no nosso torrão, na região que nos dá o pão e a vida. Como nos ensinou Martins Filho, medir o "universal pelo regional".

O povo cearense almeja desenvolvimento econômico, integração social e sustentabilidade. É inadmissível o Estado deter 4% da população brasileira e produzir apenas 2% da riqueza do país. Como dizia Marx, não basta interpretar o mundo, mas transformá-lo. Ora, se transforma o que se conhece. Creio que este Instituto deva contribuir para que nossos estudantes conheçam melhor Geografia, História e Literatura do Ceará. É necessário que nossas escolas sejam propulsoras de cearensidade, de amor às nossas causas, de compromisso com o nosso futuro coletivo. Virgílio Távora, visionário e grande responsável pela modernização e industrialização cearenses, costumava lembrar que o Ceará "não é o umbigo do mundo", que compomos uma aldeia global, um mundo ameaçado pela ganância e incompreensão de muitos.

Na Conferência do Clima de Paris, em 2015, com representantes de 195 países, a ONU concluiu que o aquecimento global terá que ser contido ou a humanidade sofrerá consequências catastróficas – algumas já presentes nos atuais desastres ambientais. No mesmo ano, as Nações Unidas definiram 17 objetivos do desenvolvimento sustentável. São metas que devemos atingir até 2030 para diminuir as incertezas, as desigualdades e garantir uma vida saudável aos passageiros deste belo e conturbado planeta. Cito este exemplo para alertar que nossa tarefa é pensar, agir, ensinar a pensar e ensinar a agir sobre esta e outras causas nobres e urgentes.

Que possamos combater o bom combate e honrarmos a história dos célebres cearenses que nestes 131 anos edificaram este templo de conhecimento e sabedoria. É nossa tarefa cultivar a fortaleza que Euclides da Cunha identificou no povo nordestino, dando o nosso melhor para o engrandecimento do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará.

Muito obrigado!

(Discurso proferido por Artur José Vieira Bruno, na noite de 29 de novembro de 2018, ao tomar posse como Sócio Efetivo do Instituto do Ceará)